

'GAÚCHOS E BEDUÍNOS' | MANOELITO DE ORNELLAS

Sete décadas de história e de literatura

Professora trata do livro que compara o gaúcho ao beduíno a partir da influência moura na região do Prata

MARIA ALICE BRAGA*

Manoelito de Ornellas, homem de fronteira nascido em Itaqui, empenhou-se durante muitos anos em ler, estudar, pesquisar e fazer anotações sobre as culturas árabe, ibérica e latino-americana. Valeu-se de documentos, de livros e de viagens à Europa, onde viveu por alguns meses com a família, principalmente entre Portugal e Espanha, a fim de adquirir conhecimentos para essa pesquisa. Recordou suas vivências campeiras, atravessou as fronteiras da Argentina, do Uruguai, do Paraguai, do Chile e se embrenhou pela América acima com o propósito de colher material para sua ousada tese sobre o gaúcho primordial. Após incansáveis estudos, concluiu que os povoadores ibéricos do Rio Grande do Sul, estado mais meridional do país, possuem influências mouriscas.

"Gaúchos e Beduínos" foi publicado em 1948, pela editora José Olympio (Rio de Janeiro) com prefácio do autor; em 1956, saiu a segunda edição, pela mesma editora, com o mesmo prefácio e, no ano de 1976, após a morte do autor, a José Olympio publica a terceira edição da obra com prefácio de Erico Ve-

ríssimo, que recorda a época em que conheceu Manoelito de Ornellas. Veríssimo limita-se em recordar momentos de Ornellas, citando as principais produções e só se detém na obra que prefacia ao final em que põe em destaque a ousada tese sobre a origem étnica do gaúcho. Note-se a passagem:

Depois de traçar a origem histórica do gaúcho e de suas relações com a terra, o autor se aventura num pitoresco estudo do beduíno, o cavaleiro árabe, das raízes de Portugal e das suas influências islâmicas, e por fim nos fala da presença dos maragatos nesta extremidade do continente americano (1976, p. XXI).

Veríssimo mostra-se entusiasmado com a reedição de "Gaúchos e Beduínos" e destaca o valor da obra, concluindo: "Não é preciso esposar essa tese (podemos até refutá-la, se tivermos argumentos) para ler com deleite e proveito este ensaio que tantos fatos e ideias interessantes e mesmo novas nos revela ao longo do confronto que o escritor faz entre três civilizações ao longo de séculos".

"Por tudo isso, acho oportuno o lançamento desta nova edição de 'Gaúchos e Beduínos' (...) Há ainda outro argumento que, no meu modo de sentir, justifica esta reedição. Ela constitui uma homenagem póstuma a um homem inteligente e bom que amava sua terra com uma paixão que às vezes me parecia não só espiritual como também carnal. (Id. Ibid.) "Gaúchos e Beduínos" trata, nos primeiros capítulos, da influência dos negros, dos açorianos e dos espanhóis na cultura do Rio Grande do Sul. Nessa obra, Manoelito retorna às origens

históricas do Estado e explica que a primeira picada aberta, em território gaúcho, foi pelas terras de Vacaria, onde começaram as primeiras conquistas que tornariam o Rio Grande o campo aberto para os encontros sangrentos nas lutas pela hegemonia dos territórios no Continente entre os reinos de Portugal e Espanha. O autor destaca: "O Rio Grande do Sul nascia do impulso desbravador de três correntes humanas, diferenciadas nos seus propósitos, mas semelhantes nas suas origens raciais". (p. 05)

O negro aqui chegado, diz o autor, foi tomado para o trabalho do campo e adaptou-se rapidamente aos hábitos e costumes dos cavaleiros. Alguns se destacaram como domadores e os mais ágeis cultivavam a arte do laço. Foram exímios campeiros, porque em um meio pastoril, essa era uma qualidade imbatível, afirmando que tanto o tipo de trabalho quanto o menor número de escravos, na Região Sul, podem ter contribuído para que a escravidão no Rio Grande tomasse dimensões diferentes das demais estados brasileiros. O europeu (nesse caso o português), ao penetrar na América, foi absorvido pelo meio e integrado aos hábitos e costumes, os quais lhe eram estranhos. O clima e o modo de vida do Rio Grande do Sul fizeram do imigrante um tipo original, tanto no aspecto físico como no comportamento.

O açoriano, destaca o autor, legou-nos os hábitos, os costumes, a linguagem e também a música, marcas que resistiram nas regiões próximas ao mar, à influência dos alemães e dos italianos, aqui chegados no século XIX. O espanhol, servido

pela obra catequista dos jesuítas, dominou até 1801 a região que, mais tarde, foi reintegrada pelas armas rio-grandenses ao mapa do Brasil.

Portugueses e espanhóis dividiram o território do Rio Grande do Sul e foram importantes na formação social do povo, embora o português tenha permanecido dominante. As origens semelhantes desses dois povos ibéricos ficaram marcadas na formação étnica do gaúcho.

Quanto ao beduíno, Ornellas define-o como uma grande adaptação da vida humana às condições do deserto. O nomadismo desse tipo humano é um modo de viver tão natural quanto o modo de vida de outros povos. O autor afirma que o árabe dispõe a prosperidade, a glória e a honra do povo que o viu nascer e o verá morrer, sendo, pois, seu modo de ser o mais sagrado dos deveres, a verdadeira religião do deserto.

Manoelito cita, em sua obra, um historiador de Astorga, Matias Rodrigues, que desenvolveu suas pesquisas sobre os árabes e descobriu que na província egípcia de Mudirieh, em Girgeh, na região do Nilo, existiu uma cidade que se chamou Maraghat**.

Entre guerras e conquistas, os povos sofreram aglutinações, transformações, perdas e ganhos de sua cultura. Os maragatos perderam parte do acento regional e houve uma alteração gradativa no seu dialeto. Também o vestuário se transformou e o maragato, dono de características como o culto ao trabalho, à economia, o respeito às crenças e um exaltado amor à família passou a buscar a sua expansão comercial em outras latitudes da Espanha, da Europa ou da América.

O autor estabelece paralelos entre os gaúchos e os beduínos. Destaca que o beduíno forma caravanas a fim de atravessar os vastos campos movediços no lombo dos camelos e, do mesmo modo, o gaúcho segue pelas estradas do pampa organizado em caravanas de carretas uns e outros montados em seus cavalos. O gaúcho, para Manoelito, é como o beduíno, homem melancólico que acompanha a marcha tardia dos bois. E, como o árabe, canta suas cantigas nostálgicas ao som dos mesmos instrumentos comuns – a cordeona e a guitarra. (p. 188)

O autor estabelece, ainda, semelhanças de hábitos, costumes e tradições entre o gaúcho e o árabe. O galpão do gaúcho, por exemplo, é uma tenda que se fixou e os panos esvoaçantes foram trocados pelas paredes de barro.

Quanto à língua, o autor pontua que é reconhecida, no idioma português e no espanhol, a contribuição do moura, cujo legado ultrapassa os mares para se refletir na alma dos povos americanos do Sul, e acrescenta: "Sobre a terra: de longe o gaúcho como templa, satisfeito como o beduíno, as suaves ondulações de seus campos (...) o beduíno é o dono de seu deserto (...). Mas o gaúcho também teve – como o beduíno – o mesmo orgulho da solidão (...). O deserto do beduíno, por ser árido e nu, permaneceu inviolável, menos interessante à cobiça desmedida". (p. 257)

"Gaúchos e Beduínos" mostra a relação entre o gaúcho e o árabe assim como a chegada e a permanência, por séculos, dos povos berberes na Península Ibérica, que se reflete no domínio espanhol na região missioneira do Rio Grande do

BENTO GONÇALVES

A disputa entre lusitanistas e platinistas

Historiador é autor de obra que situa o papel da figura controversa do líder farroupilha na história do RS

GIOVANNI MESQUITA*

A polêmica entre lusitanistas e platinistas tem como pano de fundo uma volta ao passado originário de nosso Estado, de nosso povo, dos eventos e dos personagens destacados nesse processo. Os lusitanistas procuravam sustentar a brasilidade do gaúcho. Essa brasilidade teria que ser identificada ou construída olhando para o passado. O mais complicado dessa tarefa era encaixar nossas lutas contra o Império como um ato de defesa da unidade nacional. Nesse sentido, a Revolução Farroupilha, suas origens e lideranças ofereciam uma série de obstáculos.

Aurélio Porto versus Alfredo Varela: a polêmica da Reabilitação

Nos anos de 1812 e 1813, Bento Gonçalves se estabeleceu na Banda Oriental, atual Uruguai na Vila de Melo, departamento de Cerro Largo. Segundo alguns pesquisadores, vivia lá como licenciado do Exército Pacificador. No entanto, na época do Império, surgiu a acusação contra ele de deserção. Tal acusação foi apresentada nos autos do processo aberto contra os farrapos em 1836. A peça acusatória foi escrita por Rodrigo de Souza da Silva Pontes, partidário de Braga, presidente da Província, deposto em 1835. Entre outras acusações, ele dizia que Bento Gonçalves era "desertor e alcaide do Cerro Largo". Sendo alcaide uma autoridade do governo oriental, em época artiguista, isso evidenciaria seu envolvimento com Artigas. Com o tempo, as acusações caíram no esquecimento.

Entretanto, em 1919, o texto foi "exumado" em tom de polêmica por Alfredo Varela, que tinha certo

pendor por revelações espetaculosas. Varela fez questão de destacar as afirmações de que "o maior herói continentino" havia traído a Coroa e se bandeado para o artiguismo. Tais afirmações "documentadas" trouxeram constrangimento e desorientação aos ardorosos cultuadores de um Bento cívico e nacionalista. As "revelações" de Varela ficaram um bom tempo sem respostas.

Em 1934, Aurélio Porto publicou o texto "Processos dos Farrapos – Reabilitação de Bento Gonçalves" na revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul. Porto anuncia no texto a "espetacular descoberta" que fez na Biblioteca Nacional "que vem não só reabilitar a memória de Bento Gonçalves da pecha de ter servido aos espanhóis, como ainda mais exaltar os serviços prestados por ele a causa nacional***. A documentação "descoberta" é uma petição feita pelo próprio Bento Gonçalves em 1820 ao governo imperial. Na ocasião Bento solicitava o Hábito da Ordem de Cristo, uma honra-

ria militar-religiosa. A documentação "provava" sua lealdade ao Império e dizia que havia sido dispensado formalmente pelo Exército antes de ir para Cerro Largo.

Mas Alfredo Varela criticava o teor "cívico/patriótico" de tal "reabilitação", sua inconsistência e a pretensão de anular as fontes que ele fizera emergir. Varela, platinista, criticava a visão reacionária e conservadora dos lusitanistas. Para os lusitanistas, nem os desejos de independência nacional indultavam um ato de traição à bandeira, mesmo que essa fosse o pavilhão do império português. Varela, por sua vez, não vê nenhum problema na deserção de Bento e argumenta sobre os documentos: "Não descubro entre eles o referente à apreçada licença". Segundo ele, todos os brasileiros radicados na Banda Oriental, naquela época, agiram da mesma maneira. Defende a deserção e a adesão de Bento ao artiguismo como meritória, pois já era então a defesa da república e da independência dos povos americanos contra os

monarquistas europeus. Dessa forma, nesse momento da vida, Bento já seria republicano e federalista.

A documentação que surgiu posteriormente parece derrocar a conhecida posição de Varela. Em carta de 31 de dezembro de 1812, o então coronel Mena Barreto, que comandava o corpo de milícias de Camaquã, emitiu o mapa de seu regimento com a lista de dispensa de suas tropas. Lá consta o nome de Bento Gonçalves.

Isso não é prova cabal de um distanciamento de Bento com o Prata. Mais tarde ele participaria de uma série de eventos onde se aliou para variados fins, a um número expressivo de lideranças platinas.

* *Historiador, museólogo, professor de história e diretor do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, em São Leopoldo.*

**PORTO, Aurélio. *Processos dos Farrapos. Notas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Gráfica da Livraria Globo out/dez. 1934. Ano XIV. p. 310*

'GAÚCHOS E BEDUÍNOS'

Os 70 anos de um clássico

REPRODUÇÃO / CP

Professor e poeta resgata texto de 30 anos atrás sobre a importância da obra de Manoelito de Ornellas

LANDRO OVIEDO*

Para muitos historiadores, o quase milenar episódio da ocupação muçulmana teria sido apenas um longo período de dominação militar sobre a Península Ibérica. "Gaúchos e Beduínos" afirma que esse envolvimento foi intenso. O florescimento cultural, político e econômico da península durante a ocupação ela o deve aos conquistadores. Deve a eles também toda uma gama de influências e conhecimentos que sobreviveria e se incorporaria à alma peninsular, mesmo após a restauração do império cristão.

Na medida em que estas influências existem de forma manifesta, Manoelito de Ornellas se habilita a sua empreitada mais ousada: provar que elas se transmitiram ao gaúcho por meio do colonizador ibero.

Sem dúvida, a perspectiva adotada pelo autor é procedente. Ora, se um povo sofre quase milenar ocupação do seu território, ao retomar essa terra, todo um entrelaçamento cultural jamais poderá ser apagado.

Assim como essas influências não mais serão apagadas, elas serão transmitidas. O gaúcho sul-americano, criado na confluência entre o Rio Grande, o Uruguai e a Argentina, é herdeiro de um legado cultural e histórico de alcance imensurável.

Traçando uma analogia entre o gaúcho e o beduíno, Manoelito de Ornellas aponta uma série de elementos que os aproximam. Seja na aparência, pelo uso de certas partes do vestuário e com ênfase nas cores fortes; na alegria da dança ou da música, na paixão pela equitação; seja no apego à vida nômade do deserto ou dos campos; no fatalismo do gaúcho, que mina a ideia cristã de um deus absoluto a intervir na ordem das coisas; na psicologia solitária de ambos frente ao firmamento; na superstição que impera num e noutro, na linguagem do gaúcho; é claramente perceptível quanto eles têm em comum. É nesta comparação que o beduíno assume a imagem de um gaúcho no deserto e o gaúcho, por sua vez, revive a milenar figura do beduíno ao percorrer o pampa.

POLÊMICA. Em que pese o aprofundamento do autor em relação ao seu tema, historiadores tradicionais deturpam o conteúdo da obra e o acusaram de atestar uma descendência direta dos árabes. Por que surge tal acusação?



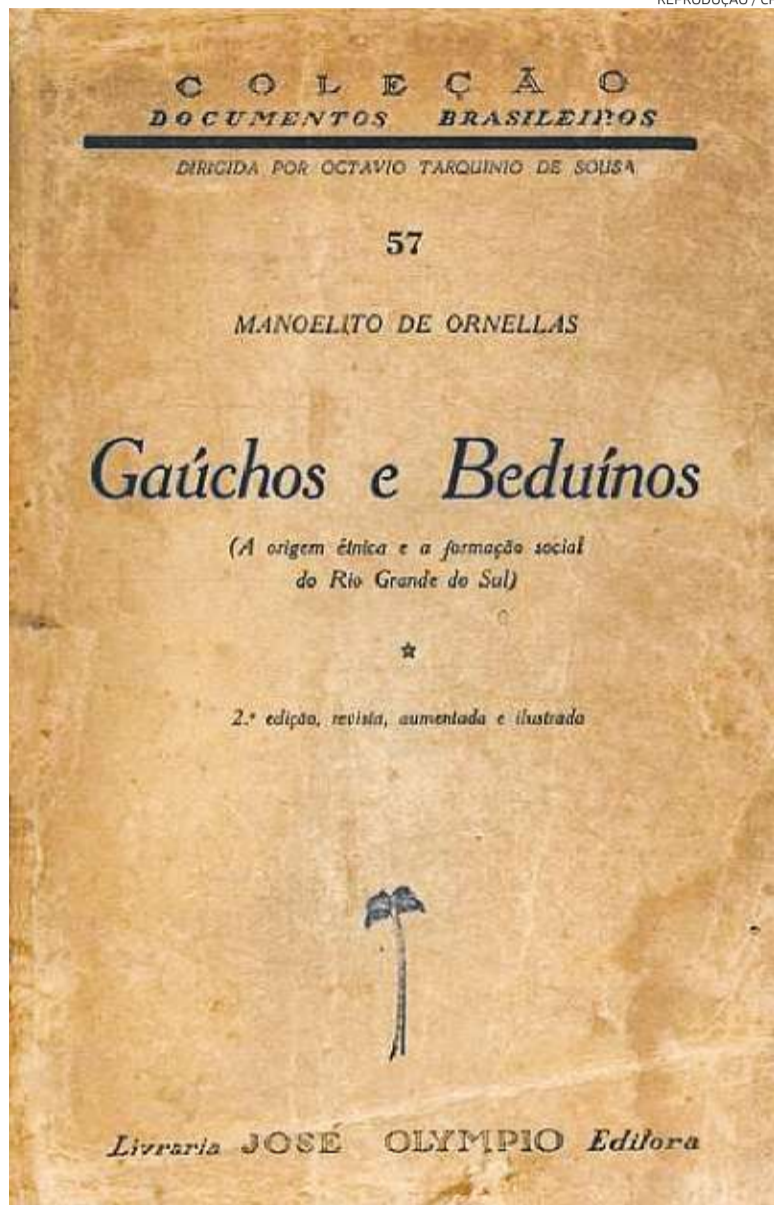
Manoelito empenhou-se em ler, estudar, pesquisar sobre culturas árabe, ibérica e latina

Sul, durante quase dois séculos, e na tradição de hábitos e costumes de espanhóis e portugueses.

Sob o ponto de vista histórico, Manoelito de Ornellas sustenta sua tese com a ideia de que tanto o gaúcho quanto o beduíno são frutos de uma imagem construída ao longo de séculos. Pelo olhar literário, gaúchos e beduínos espelham-se à procura de seu amor próprio.

*Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS. Professora

de Literatura na Ulbra
**Tem sua origem nos povos berberes que dominaram, na invasão moura, a Península Ibérica. Para o historiador Dozy, chamaram-se primeiramente Malagoutos, palavra que depois se transformou em Maragatos - Mauri captus, que significa mouros presos, os descendentes dos antigos habitantes de Maraghat. É um povo muito hospitaleiro, mas não lisonjeiro, sério e de poucas palavras.



Obra teve sua segunda edição publicada em 1956 pela José Olympio

Para se responder a tal indagação, deve-se ter presente o novo momento da historiografia do RS a partir da década de 20, determinado pelo processo político e econômico em curso no país.

Marlene Almeida, em dissertação de mestrado, flagra esse momento da falência de um projeto separatista. A inexistência de um produto alternativo, capaz de sustentar a nova província, e o novo detalhamento das relações econômicas no Brasil que se industrializava não só relegaram as teses separatistas como também reordenaram o conteúdo da produção historiográfica gaúcha. A ênfase passou a ser dada à vocação nacionalista do Rio Grande como forma de melhor integrá-lo à vida e ao mercado nacionais.

A relação entre este contexto e o livro em questão passa por perceber o obstáculo representado por um livro que atualiza todas as raízes históricas e sociológicas dos rio-grandenses, eliminando divisões geográficas num momento em que nossos historiadores empreendem seus esforços para no sentido de afirmar a lusitanidade do Rio Grande. O abandono total do discurso separatista e sua troca por um outro de integração nacional remetem para

uma nova abordagem de nossa evolução histórica e das relações políticas com o Uruguai e a Argentina. Redefinindo o espaço geográfico é preciso redefinir também a psicologia do homem que o habita.

Manoelito de Ornellas, ao afirmar a origem comum do gaúcho sul-americano, conscientemente ou não, vai de encontro a esta visão. Ao apontar variantes árabes, ibéricas, indígenas, ele reduz a influência estritamente lusitana na formação do gaúcho. É precisamente isso que causa embaraços aos historiadores tradicionais.

Na passagem dos 70 anos de "Gaúchos e Beduínos" fica uma certeza: é necessário redescobri-lo e assim constatar que a América Latina não é um mero acaso, mas fruto de uma longa história em comum e que tão bem "Gaúchos e Beduínos" ajuda a resgatar e compreender.

* Poeta, escritor, professor e advogado
**Publicado originariamente no Jornal RS, em 1º e 2 de outubro de 1988, por ocasião da passagem dos 40 anos da obra e ora republicado em registro à passagem dos 70 anos de sua publicação em 1948, ano emblemático para a cultura gaúcha.

BENTO GONÇALVES

Do Nascimento à Revolução



BIOGRAFIA HISTÓRICA

Giovanni Mesquita do Estreito